

Não é preconceito, é Intolerância¹

Bruno ROSA²

Irenilda Maria SANTOS³

Danilo ARAÚJO⁴

Anaelson Leandro de SOUSA⁵

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

RESUMO

A reportagem é um produto jornalístico que permite o aprofundamento de determinados temas presentes na sociedade. O tema a ser retratado é a intolerância religiosa que acontece muitas vezes de forma violenta contra os praticantes de religiões de matriz africana, em especial o candomblé e a umbanda. O produto foi produzido por estudantes do curso de Jornalismo em Multimeios, da Universidade do Estado da Bahia, campus III, Juazeiro/BA.

PALAVRAS CHAVES: Candomblé; Reportagem; Radiojornalismo; Intolerância

1 INTRODUÇÃO

A história da difusão de notícias no rádio brasileiro começa de forma rudimentar no ano de 1923, com Roquette Pinto. Zuculoto afirma que a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro por ele “é apontada como a precursora também da introdução do jornalismo na radiofonia brasileira com o *Jornal da Manhã*, produzido por ele próprio de forma improvisada e amadora” (2003, p.15-16). As primeiras notícias eram lidas integralmente do jornal impresso, fazendo-se uso da técnica conhecida por “gilette-press”.

Outro momento importante que modificou o rádio informativo brasileiro foi a introdução do Repórter Esso, que foi ao ar no ano de 1941 e noticiava os principais acontecimentos da 2ª Guerra Mundial. O programa também foi responsável por introduzir

¹Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Jornalismo, modalidade JO 09 reportagem em Radiojornalismo.

²Líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo em Multimeios, UNEB/DCH III, Juazeiro, BA, email: brunoemanoel@hotmail.com.

³Estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo em Multimeios, UNEB/DCH III, Juazeiro, BA, email: irenildam.silva03@gmail.com

⁴Estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo em Multimeios, UNEB/DCH III, Juazeiro, BA, email: dbsadanilo@gmail.com

⁵Orientador do trabalho. Professor do Curso Jornalismo em Multimeios, UNEB/DCH III, Juazeiro, BA email: anlsouza@uneb.br

no meio radiofônico a técnica do lead – forma de condensar a notícia usando os elementos principais de um acontecimento (Que, Quem, Quando, Como, Onde e Por que). Segundo Salomão o noticiário Repórter Esso foi o marco do radiojornalismo brasileiro por criar “a cultura da notícia de última hora” (2003 p 79-80).

Na década de 1950, com a inauguração da televisão – principal concorrente do rádio – as emissoras ganharam uma sobrevida devido as viabilidades técnica da transmissão da notícia ao vivo. Essa condição foi potencializada pela invenção do *transistor* – componente eletrônico que substituiu as válvulas – e possibilitou a redução dos receptores e alimentação elétrica por baterias.

Emissoras como a Rádio Continental inauguraram, a partir da introdução dessas tecnologias, uma nova forma de fazer radiojornalismo. Favorecidas por unidades móveis de transmissão, a reportagem ganhou as ruas e tornou o rádio dinâmico.

Bespalhok (2006) pesquisou esta fase da Rádio Continental e afirma que é preciso, buscar a ousadia e experimentação a partir da experiência inovadora da emissora. “Se aliarmos a prática da Continental com o montante de conhecimento sobre o veículo processado até a atualidade, poderemos pensar e repensar o radiojornalismo que temos” (p.175).

O rádio hoje continua sendo um veículo com grande aceitação entre os seus receptores. Prado (1989, p. 18) explica que o motivo pelo qual o rádio ganhou importância foi o fato de poder informar instantaneamente a um público muito diversificado e por não exigir do ouvinte um conhecimento especializado para decifrar o seu código.

Prado considera a reportagem radiofônica como o elemento mais “rico entre os utilizados no rádio desde a perspectiva informativa” (1989, p. 85). As reportagens veiculadas pelo rádio podem ser gravadas com prévia produção ou podem ser irradiadas de improviso, dependendo da gravidade do acontecimento. “O jornalista deve selecionar todas as mostras sonoras da ação capazes de transportar informação, reduzindo assim sua intervenção ao mínimo imprescindível” (Prado, 1989, p. 88).

No entanto, a reportagem não pode ser considerada como ampliação da notícia. Medina (1978) alerta que a principal diferença está no tratamento que se dá ao fato jornalístico no tempo da ação e no processo de narrar. “A matéria que amplia uma simples notícia de poucas linhas, aprofunda o fato no espaço e no tempo e esse aprofundamento (conteúdo informativo) se faz numa interação com a abordagem estilística. A reportagem seria então uma narração noticiosa” (p. 134).

Para Jung (2004) é na reportagem que o jornalismo se diferencia, “levanta a notícia, investiga fatos, encontra novidades, gera polêmica e esclarece o ouvinte” (p. 114). Não é dar voz, mas é submeter o público a construir conceitos a partir do rádio, para defender opiniões e formas de opiniões.

Conforme as definições aqui apresentadas, orientamos o nosso trabalho para a reportagem radiofônica. O intuito de ir a campo foi para mostrar que ainda existe preconceito com as práticas religiosas de origem africanas a partir do exemplo local, ocorrido em Juazeiro, norte da Bahia, região que também sedia um campus da Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Esse trabalho foi produzido no segundo semestre de 2015, a partir da prática vivenciada no componente curricular Radiojornalismo, por alunos do curso de Jornalismo em Múltiplos Meios, UNEB - Campus III, Juazeiro/BA.

2 OBJETIVO

A reportagem denominada “Não é Macumba, é Intolerância”, foi produzida com a intenção de mostrar as intolerâncias que correm com os praticantes de religiões de matriz africana. Preconceito que se faz presente desde que a cultura escravocrata trouxe da África milhares de negros para o nosso país.

O interesse em construir uma reportagem sobre esse assunto foram os episódios de discriminação religiosa, ocorridos em junho e julho de 2015: os apedrejamentos de Kailane Campos, de 11 anos, no subúrbio do Rio de Janeiro; e do terreiro “Ilê Abasy de Oia Gueña”, liderado pela mãe de santo Adelaide Santos, em Juazeiro, Bahia.

O trabalho objetiva ouvir especialistas na área, bem como dar voz a quem sofreu a discriminação. Portanto, através da reportagem pretendemos mostrar que é possível construir um entendimento mais amplo sobre uma prática ocorrente de intolerância.

3 JUSTIFICATIVA

As religiões afro-brasileiras (Candomblé e Umbanda), que experimentaram certo declínio nos anos de 1991 e 2000, voltaram a crescer em número de praticantes de acordo com os últimos dados. De acordo com Teixeira (2013) houve um incremento de 12,5%, sobretudo em razão do crescimento do candomblé, que foi da ordem de 31,2%, bem como

da umbanda, na ordem de 2,5%. O IBGE (2010) aponta ainda que a umbanda passou de 397.431 adeptos, em 2000, para 407.331, em 2010; o candomblé passou de 139 mil adeptos, em 2010, para 167 mil declarantes.

Mais de 500 mil são praticantes dessas religiões que teve origem com a chegada de povos africanos no país. Ao chegarem aqui, advindos de várias nações, suas tradições foram aos poucos incorporadas a nossa cultura, entre elas, as crenças religiosas.

No estado da Bahia a etnia de afrodescendente influenciou decisivamente na cultura. Sendo assim, na região que a cidade de Juazeiro se localiza, no Médio São Francisco, temos a necessidade de reconhecer a diversidade étnica, cultural, historiografia e antropologia desse território, visto que nesse espaço há comunidades quem possuem forte ancestralidade preponderantemente africana.

Apesar de a região ter um número considerável de praticantes, são poucas as iniciativas de pesquisas nesse tema. De acordo com Marques e Novais (2015) as pesquisas sobre os terreiros de Candomblé e Umbanda na região do São Francisco são quase inexistentes. Para ele os grupos existentes ainda são grupos submetidos historicamente a violentos processos de invisibilização. “As pessoas se assustam quando se dão conta que nessa região ha quase cinco centenas de casas que cultuam orixás, cabocos, pretos velhos, marujos, entre outras entidades” (2015, p.18).

A reportagem “Não é Macumba, é Intolerância”, portanto, se justifica pelo fato de identificarmos uma prática religiosa que sofre preconceito em nossa região. Queremos, também, apresentar um produto que sirva de reflexão sobre tal problema; proporcionar debate e dar possível visibilidade, que muitas vezes é negada pelos veículos midiáticos; desmistificar os preconceitos que cercam a religião e instalar na população o debate sobre a intolerância religiosa, tema que ainda causa polêmica.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Consideramos que ao produzir uma reportagem o jornalista conta uma história, e é nela que se torna imprescindível que ele esteja na rua, buscando explicar os motivos que estão por trás dos fatos. Para Prado “Toda reportagem é, em definitivo, uma agrupação de representações fragmentadas da realidade que em conjunto dão uma ideia global de um tema” (PRADO, P. 1989 p.85).

Os casos de intolerâncias religiosas ocorridos no Rio de Janeiro, em junho de 2015, e em Juazeiro/BA, em julho do mesmo ano, motivou em nosso grupo o interesse na produção de uma reportagem sobre o preconceito religioso, um tema com grande importância para a sociedade que por muitas vezes passa despercebido e não ganha a relevância e a discussão que o assunto merece.

Após a escolha do tema, iniciou-se a etapa de pré-produção da reportagem onde os integrantes do grupo foram divididos para realizar as entrevistas e a edição do material. Escolhemos para as entrevistas o professor Dr. Juracy Marques, a doutoranda e professora Ceres Santos, um adepto da Umbanda e o pai de santo Adriano Silva.

Com o material em mãos, iniciou-se a fase de produção. Nessa fase escolhemos o que extraído dos depoimentos, e a produção do *script*. Mesmo com a divisão do trabalho no final todos os membros participaram da etapa final. Outra possibilidade, que nos ocorreu durante a edição final foi a possibilidade de realizar um documentário, mas ficamos mesmo com a reportagem.

Definimos que a abertura da reportagem teria um *BackGround (BG)* para dar um a identificação com a cultura afro - por isso foi escolhido o toque do atabaque e do agogô, que são muito comuns nos cultos do candomblé. Também foi importante o uso da inflexão vocal de cada participante, pois todos deveriam estar preparados para dar voz ao produto final.

Durante a gravação, fomos auxiliados pelos técnicos de som do Laboratório de Rádio da Universidade. Após a primeira versão, foi realizada uma audição com parte da equipe e com o professor orientador. Ele sugeriu que o tempo fosse reduzido. Reeditamos e fechamos com o tempo de 5 minutos.

A orientação do professor foi fundamental para que fossem cumpridas as exigências que atendessem as qualidades necessárias que uma reportagem deve ter. O acompanhamento foi importante no processo de pós-produção, visando edição das sonoras e revisão do *script*.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A reportagem foi gravada e editada no estúdio do Laboratório de Rádio da UNEB Juazeiro/BA, e o software utilizado foi o “*Sound Forge*”, tanto para a gravação da voz do repórter, como na edição das sonoras.

A primeira parte da reportagem começa com uma introdução sobre o tema, trazendo informações sobre o significado do candomblé, com dados que situe o ouvinte e possivelmente o leve a uma reflexão sobre o assunto.

A primeira sonora é professor e antropólogo Dr. Juracy Marques, que explica de onde vem a origem do preconceito que cerca a religião. Em seguida apresentamos uma reflexão sobre os preconceitos que cercam o Candomblé. Para esse momento foi escolhida a sonora do pai de santo Adriano Silva, que falou sobre o desconhecimento das práticas religiosas do candomblé acabam criando conceitos equivocados em torno da religião. Também incluímos a sonora de um praticante da Umbanda para que a reportagem não ficasse somente com as autoridades.

No terceiro momento a reportagem trás dados quantitativos da população brasileira que são adeptos as religiões de matriz africana, aqui é destacado a criação da Lei 10.639/2003, que garante o ensino da cultura afro-brasileira nas escolas. A fala da professora Ceres Santos destaca a importância da criação dessa lei, e como a educação pode ser um caminho no combate ao preconceito religioso.

O produto da voz a uma comunidade pouco ouvida e que merece respeito, tanto como religião, e como parte importante na formação do Brasil, a reportagem mostra que o respeito religioso deve estar sempre presente nos seres humanos, trazer uma visão sem preconceitos da religião, e despertar na população o repúdio a atitudes como os apedrejamentos e que essas formas de preconceito venham a acontecer.

6 CONSIDERAÇÕES

A experiência de produzir uma reportagem voltada para um tema, até certo ponto, polêmico e de importante discussão para a sociedade brasileira, nos permitiu vivenciar a prática da profissão. O fato de ir a campo, buscar entrevistas, editar sonoras, produzir o script, impostar a voz, nos deu um produto final que, mesmo considerando a obsolescência característica da linguagem do rádio, esperamos que as audiências possam refletir sobre a intolerância religiosa.

Outro ponto positivo foi o de aprender mais sobre as religiões de matriz africana, o contato com seus praticantes, dar voz a eles, além aprender como sua cultura influenciou nas tradições do povo brasileiro e a forma como eles fazem seus rituais sagrados.

Aprender mais com a cultura do candomblé, é uma das experiências mais válida para a formação de um jornalista que, desde o aprendizado na universidade é instigado a apurar a informação, buscar saber como de fato ocorre, ao invés de reproduzir os estereótipos. Refletir também que esse assunto deveria estar mais presente nos veículos de comunicação, para que assim mostrem a realidade dos praticantes da religião do candomblé.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BESPALHOK, Flávia Lúcia Bazan. **A Prática da Reportagem Radiofônica na Emissora Continental do Rio de Janeiro**. 2006. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, UNESP, Bauru, 2006.

JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio**. São Paulo: Contexto, 2004.

MARQUES, Juracy; NOVAIS, Joaquim (Org.). **Candomblé e Umbanda no sertão: cartografia social dos terreiros de Petrolina-PE e Juazeiro-BA**. Paulo Afonso/BA: Editora da SABEH, 2015.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Notícia: um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial**. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

PRADO, Emilio. **Estrutura da informação radiofônica**. São Paulo: Summus, 1989.

SALOMÃO, M. **Jornalismo radiofônico e vinculação social**; São Paulo: Annablume. 2003.

TEIXEIRA, Faustino. O Censo de 2010 e as religiões no Brasil: esboço de apresentação. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs). **Religiões em Movimento. O Censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2013

ZUCULOTO, Valci .A notícia no rádio pioneiro e na “época de ouro” do rádio da radiofonia brasileira. In: **Rádio brasileiro: episódios e personagens**. CUNHA, Mágda Rodrigues da; HAUSSEN Doris Fagundes (Org.) Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

Sites:

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?tema=censodemog2010_relig